

Em política, como em economia e mais ainda em “economia política” conhecer e respeitar as “regras do jogo” é uma questão importante para a estabilidade das relações políticas, econômicas e sociais. Um período de crise é um momento em que os diferentes atores de uma sociedade se aproximam destes limites das referidas regras do jogo, muitas vezes de forma perigosa. O problema maior é quando esse movimento de aproximação para os limites contratualizados pela sociedade é realizado por aqueles que formalmente detêm o poder.

A história mostrou que quando se ultrapassa o referido limite, uma revolução é quase inevitável. Foi assim com a revolução francesa de 1789, também chamada revolução burguesa, foi assim com a revolução russa de 1917, também chamada de revolução soviética, bem como foi também assim com a revolução de 1848, que se tivesse sido vencedora, teria sido chamada de revolução comunista.

A gestão ineficiente e irresponsável do governo brasileiro deu passos importantes na direção do “limite revolucionário”, mas, para sorte de toda a sociedade e da economia de uma forma geral, o povo brasileiro foi historicamente um povo pacífico e tranquilo ao extremo. Basta que se recorde que para a nossa independência, apenas uma espada foi tirada da bainha e com um “grito” a questão estava resolvida (se é que é verdade que D. Pedro tirou sua espada e gritou!). Getúlio Vargas, que se saiba, nunca deu um tiro a não ser nele mesmo e apenas amarrando seu cavalo em um obelisco garantiu a sua história revolucionária. Em 1964, a última revolução, ou contra-revolução, foi um teatro com diferentes atores “escrevendo” ultimatos mas não dando tiro nenhum! Resumindo, diferente de franceses, ingleses, americanos, asiáticos e africanos que derramaram sangue de fato, as nossas revoluções são “retóricas” e “simbólicas” o que no quesito revolução, nos deixa no cume da civilidade.

Apesar a nossa imensa capacidade de fazer revoluções não sangrentas, é bom lembrar que os tempos são outros. Por divergências políticas e econômicas, não matamos, mas estamos, há muito tempo, sob forte impacto de uma verdadeira “guerra civil” que coloca em lados opostos os moradores-proprietários das grandes cidades e moradores de favela, donos de grandes impérios (empreiteiros, banqueiros, e políticos que tiveram “sorte” nos negócios!) e despossuídos, os “amigos” do governo e os “não amigos” do governo, etc. Ora, não sabemos até que ponto a nossa trajetória pacífica, historicamente falando, será suficiente para acalmar os ânimos da rua, especialmente depois dos movimentos de 2013.

Nossas “revoluções”, de alguma forma, sempre “respeitaram as regras mais importantes do jogo” e preocupa, nesse momento, o discurso tanto da situação (insistindo na questão do “golpe”) e da oposição (insistindo na questão do “impeachment”).

A crise é inevitável, mas vamos apostar que ela não se transforme em uma revolução, e se esta acontecer vamos apostar que ela não passe de mudanças institucionais e constitucionais.

Afinal, somos brasileiros!